

Saúde

Revista Brasileira de

ISSN 3085-8089

vol. 2, n. 5, 2026

... ARTIGO 9

Data de Aceite: 13/03/2025

A ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO EM ADOLESCENTES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE

Edna Arbogast

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre - RS
<http://lattes.cnpq.br/3896285622297445>

Juliana Elenice Pereira Mauro

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre - RS
<http://lattes.cnpq.br/889839333334458>

Paola Grasielle de Lima Prado

Universidade Cruzeiro do Sul
Porto Alegre - RS
<http://lattes.cnpq.br/3668933083349638>

Kamile Kampff Garcia Pavani

Universidade Feevale
Porto Alegre - RS
<http://lattes.cnpq.br/5215743558752674>



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Ciro Natan da Silva Ribas

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre - RS

<http://lattes.cnpq.br/3698923614378757>

Renata Alba Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre - RS

<http://lattes.cnpq.br/8779916707566925>

Mari Nei Clososki da Rocha

Universidade Luterana do Brasil

Porto Alegre - RS

<http://lattes.cnpq.br/5114218574251750>

Fernanda Pereira Martins

Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul

Porto Alegre - RS

<http://lattes.cnpq.br/9573438780176150>

Lisiane de Oliveira Silveira

Atitus Educação

Porto Alegre - RS

<http://lattes.cnpq.br/4757678165019510>

Talita Lopes Otaki

Faculdade Factum

Porto Alegre - RS

<http://lattes.cnpq.br/7428523539486585>

Marcela Lislie Lewis

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre - RS

<http://lattes.cnpq.br/4930766394054684>

Resumo: O suicídio na adolescência apresenta crescimento preocupante no Brasil, especialmente entre meninos e tem se tornado um problema de saúde pública. A literatura aponta que a combinação entre vulnerabilidades biopsicossociais, desigualdades estruturais, violências, fragilidade das redes de proteção e dificuldades de acesso a cuidados qualificados favorece o surgimento da ideação suicida. Este trabalho tem como objetivo analisar, por meio de uma revisão integrativa, as evidências científicas publicadas nos últimos dez anos acerca da identificação, manejo e prevenção da ideação suicida em adolescentes no âmbito da Atenção Primária à Saúde, com foco na prática de enfermagem. A busca foi realizada nas bases SciELO, LILACS e BVS, utilizando descritores em português, inglês e espanhol relacionados a suicídio, adolescência, saúde mental e práticas profissionais. Após critérios de inclusão e exclusão, 11 estudos compuseram a amostra final. Os resultados evidenciam que a ideação suicida é frequentemente subnotificada e sub-reconhecida na Atenção Primária à Saúde, em grande parte pela dificuldade dos adolescentes em verbalizar sofrimento e pelos desafios dos profissionais em identificar sinais precoces, sobretudo entre adolescentes do sexo masculino. As produções analisadas apontam fragilidades estruturais, operacionais e formativas na rede de saúde, embora também revelem potencialidades importantes, como o uso de tecnologias leves, escuta qualificada, vínculo, intersetorialidade e construção compartilhada do cuidado. Conclui-se que a enfermagem desempenha papel primordial na prevenção do suicídio ao atuar de forma sensível, acolhedora e politicamente comprometida com a promoção da vida, sendo necessário para sua atuação, investimentos contínuos em formação, estrutura

de trabalho e fortalecimento das políticas públicas de saúde mental.

Palavras-chave: Suicídio; Adolescente; Atenção Primária; Enfermagem; Saúde Mental;

INTRODUÇÃO

A compreensão do suicídio atravessa séculos de debates e reformulações conceituais, e, ainda hoje, permanece como um fenômeno que desafia as ciências humanas. Entre os pensadores clássicos, Émile Durkheim figura como referência incontornável ao definir o suicídio como todo ato que resulta na morte provocada pela própria vítima, realizada com plena consciência do efeito esperado (Durkheim, 2000). Revisitar Durkheim retoma o marco teórico inaugural, ao mesmo tempo que reconhece que mesmo na modernidade, com a criação de políticas públicas voltadas para saúde mental, com a ampliação tecnológica do cuidado e da multiplicidade de saberes contemporâneos, seguimos lidando com sofrimento humano profundo, que muitas vezes é silencioso, difuso e difícil de capturar em protocolos.

Perceber o avanço cada vez mais acelerado do adoecimento psíquico entre adolescentes e reconhecê-lo como um fenômeno que ultrapassa fronteiras e se impõe em escala global, nos convoca a uma implicação para além do nosso papel de pesquisadores, somos interpelados enquanto sujeitos sociais, responsáveis por compreender e responder a essas transformações que atravessam a juventude e, inevitavelmente, atravessam a nós mesmos.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) aponta o suicídio como a terceira

principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos no mundo (WHO, 2023), e, no Brasil, ele já configura a segunda causa entre adolescentes de 15 a 19 anos (BRASIL, 2024). Esses números traduzem vidas interrompidas, em uma fase marcada por descobertas, conflitos, busca de identidade e vulnerabilidades próprias da adolescência. Esse aumento resulta da convergência de múltiplos fatores: transtornos mentais não diagnosticados, violência estrutural, bullying e cyberbullying, pressões escolares, impactos emocionais das redes sociais, desigualdades sociais e a fragilidade das redes de apoio (UNICEF, 2021; OPAS, 2022). É difícil, ao analisar esses elementos, não reconhecer como a realidade vivida pelos adolescentes dialoga com uma sociedade que nem sempre oferece espaços seguros de escuta, pertencimento e cuidado. Como as taxas de mortalidade por causas naturais entre adolescentes diminuíram substancialmente ao longo das últimas décadas, por exemplo, de 387,1 por 100 mil em 1980 para 83,4 por 100 mil em 2013, as mortes por causas externas (como acidentes, homicídios e suicídio) adquiriram um peso estatístico cada vez maior, isso faz com que o suicídio, dentro desse conjunto de causas externas, se torne ainda mais visível e preocupante (ICICT/FIOCRUZ, 2015)."

A Atenção Primária à Saúde (APS) ocupa lugar estratégico para a identificação precoce do sofrimento psíquico e se articula com as Redes de Atenção Psicossocial (RAPS), nas periferias urbanas, nas áreas de vulnerabilidade e nos territórios onde a vida pulsa entre carências e resistências, a APS, é muitas vezes o único lugar onde esses jovens têm espaço para serem vistos. É nesse cenário que a enfermagem acolhe, escuta, e percebe detalhes que não aparecem em exames,

nós identificamos sinais que passam despercebidos no cotidiano acelerado dos serviços, que ainda enfrentam sobrecarga de trabalho, falta de capacitação em saúde mental, redes fragmentada e a insuficiência de serviços especializados, aspectos amplamente reconhecidos pela literatura (De Carvalho Queiroz, 2021).

Refletir sobre isso enquanto escrevemos este trabalho também significa reconhecer que, na rotina dos serviços, muitos jovens chegam até nós não com a palavra “suicídio”, mas com dores difusas, irritabilidade, silêncio, conflitos familiares, consumo de substâncias, evasão escolar ou uma tristeza persistente que a equipe, muitas vezes, não tem tempo e nem estrutura para compreender com profundidade. Percepção, que atravessa o exercício profissional e a análise científica, reforçando em nós a urgência de discutir a atuação da enfermagem na prevenção do suicídio em adolescentes como uma necessidade ética, técnica e humana.

Diante desse cenário, este trabalho apresenta uma revisão integrativa da literatura com o objetivo de analisar a atuação da enfermagem na prevenção do suicídio em adolescentes na APS. Busca-se, especificamente, identificar os obstáculos vivenciados no cotidiano assistencial e as estratégias apontadas na literatura para qualificar essa prática. A intenção é contribuir para a produção acadêmica e o fortalecimento crítico e sensível da formação profissional, compreendendo que o cuidado ao adolescente em sofrimento psíquico exige conhecimento, compromisso e, sobretudo, a disposição de enxergá-los para além do diagnóstico.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, cujo objetivo foi sintetizar evidências científicas sobre os desafios e as possibilidades da atuação da enfermagem na prevenção do suicídio em adolescentes na APS. A revisão integrativa foi escolhida por permitir a inclusão e integração de estudos de natureza teórica e empírica, ampliando a compreensão do tema e identificando lacunas para futuras pesquisas.

A revisão foi orientada pela pergunta: Quais são os desafios e as possibilidades da atuação da enfermagem na prevenção do suicídio em adolescentes na Atenção Primária à Saúde?

As buscas foram realizadas nas bases: SciELO, BVS/LILACS, e Google Acadêmico. As buscas foram executadas entre 1 de setembro e 15 de novembro de 2025. Foram considerados estudos publicados entre 2020 e 2025, em língua portuguesa e disponíveis em texto integral. Foram utilizados descritores do DeCS: Suicídio, adolescente, atenção primária, enfermagem e Saúde Mental, combinados com os operadores booleanos AND e OR. Para cada base, foram aplicados filtros de idioma (português), data (2020–2025) e disponibilidade de texto completo. Observação: nas buscas no Google Acadêmico foram avaliadas as primeiras 114 combinações retornadas, aplicando-se os mesmos critérios de elegibilidade utilizados para as demais bases.

Os critérios de inclusão foram estudos publicados entre 2020 e 2025; Textos em português; Estudos que abordavam direta ou indiretamente a atuação da enfermagem e/ou da APS na prevenção, rastreamento, cuidado ou acompanhamento do comportamento suicida em adolescentes; Artigos

completos disponíveis em texto integral (acesso aberto ou por meio de repositório institucional); Projetos, revisões, estudos qualitativos, quantitativos e mistos. Os critérios de exclusão, foram estudos com população exclusiva adulta (sem recorte adolescência); Pesquisas restritas a ambiente estritamente hospitalar (sem interface com APS), salvo quando trouxerem implicações diretas para a APS; Produções sem aderência temática (fora do escopo); Textos não disponíveis na íntegra.

A seleção foi realizada em duas etapas: (1) triagem de títulos e resumos e (2) leitura na íntegra dos textos potencialmente elegíveis. Foram registrados o número de artigos identificados em cada base, o número de duplicatas removidas, o número de estudos

excluídos por título/resumo e por leitura completa, e o número final de estudos incluídos, estes dados serão apresentados no fluxograma (Figura 1). Dos estudos incluídos foram extraídas as seguintes informações, organizadas em instrumento padronizado: identificação (autor(es), ano, título); periódico/repositório; objetivo do estudo; Desafios e potencialidades da enfermagem na APS; A tabela de extração (Quadro 1) sintetiza essas informações para cada estudo incluído. Os achados foram sintetizados de forma narrativa e temática (análise narrativa), organizados em categorias analíticas emergentes a partir da leitura crítica dos estudos: (1) identificação e reconhecimento do sofrimento; (2) tecnologias leves e vínculo; (3) formação e capacitação profissional;

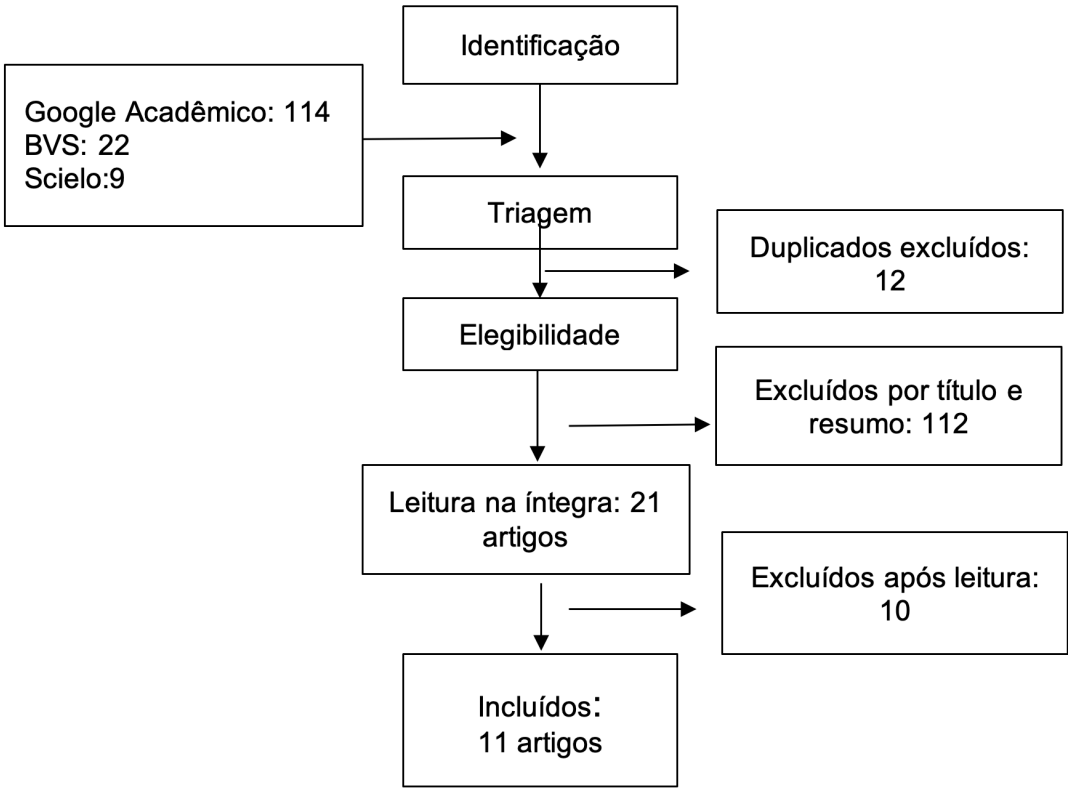


Figura 1 – Fluxograma de inclusão dos estudos.

Fonte: Elaborado pelo Autores (2025)

(4) intersetorialidade e fluxos de cuidado; (5) protocolos e estratégias de intervenção (6) gênero e regionalização (7) âmbito político. A síntese privilegia a convergência e a divergência entre estudos, destacando evidências, lacunas e implicações para práticas e políticas públicas.

Por se tratar de revisão de literatura com fontes públicas, não foi necessário submeter o estudo a um Comitê de Ética em Pesquisa. Entretanto, todas as fontes utilizadas foram devidamente citadas e referenciadas conforme normas bibliográficas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra desta pesquisa foi constituída por 11 estudos, conforme apresentado na Figura 1, publicados entre 2020 e 2025, sendo estes: 1 da base SciELO (9%), 2 da base BVS (18%) e 8 da base Google Acadêmico (72%). Dos estudos levantados, 11 artigos (100%) estavam redigidos em português. A figura 1 apresenta o fluxograma de inclusão de publicações no estudo.

A seguir, o Quadro 1 apresenta a distribuição dos estudos incluídos e os desafios e potencialidades da enfermagem na APS na prevenção do suicídio em adolescentes:

A leitura dos estudos selecionados no Quadro 1 revela uma constatação crítica: o cuidado ao adolescente com sofrimento psíquico, especialmente em quadros de autolesão ou ideação suicida, é marcado por uma disputa ontológica entre o mandato da APS e sua capacidade operacional, e a enfermagem, como eixo de cuidado na APS, sente o peso dessa vulnerabilidade institucional.

De Souza Pessoa (2020) demonstra que os enfermeiros se percebem despreparados, desprotegidos e em isolamento técnico

diante desses casos. Essa fragilidade é a manifestação da crise do trabalho vivo em ato (Merhy, 1997), onde o profissional é convocado a operar em “territórios de incerteza”, dependendo excessivamente de tecnologias leves (vínculo, acolhimento, escuta) com baixa sustentação institucional e protocolar para o manejo do risco.

A Banalização do Sofrimento como Violência Simbólica

Essa fragilidade profissional encontra respaldo em um sistema que permite a banalização do sofrimento do adolescente. Gabriel *et al.* (2020) evidencia a tendência de profissionais em naturalizar a autolesão, interpretando-a como “drama”, “modismo” ou “pedido de atenção”. Essa leitura moralizante constitui uma forma de violência simbólica (Bourdieu, 1989), que deslegitima a dor e reforça as práticas de invisibilização da demanda psíquica na atenção básica.

Essa negação não é um erro individual, mas um reflexo de estruturas de saúde que historicamente privilegiaram a clínica biomédica em detrimento da dimensão subjetiva e social da doença (Donnangelo, 1979). Apesar do projeto de integralidade do SUS, grande parte do trabalho permanece organizada na lógica da queixa-conduta, resultando em equipes que, por falta de preparo e organização, negam seu papel na rede de cuidado ao suicídio (Sousa, Ferreira e Galvão, 2020).

Os achados mais recentes (Almeida *et al.*, 2023) adensam a crítica: os desafios não são apenas de capacitação, mas resultam de falhas de gestão, precarização dos processos de trabalho e a despolitização do cuidado em saúde mental. Trata-se de uma crise do cuidado (Merhy *et al.*, 2005), onde o traba-

Título	Autor/Ano	Periódico	Objetivos	Desafios e Potencialidades da Enfermagem na APS
Ideação suicida em adolescentes masculinos	Da Silva; Corrêa; Dos Santos Faria, 2025	Psicologia e Saúde em Debate	Verificar conhecimento sobre ideação suicida masculina.	Desafios: abordagem por gênero. Potencialidades: ações específicas.
Recomendações para o cuidado de enfermagem à autolesão	Lopes et al., 2024	Rev Rene	Mapear recomendações para cuidado.	Desafios: formação. Potencialidades: cuidado humanizado, vínculo e confiança.
Cuidados de Enfermagem e desafios à saúde mental de adolescentes na Atenção Primária à Saúde: Revisão integrativa	Almeida et al., 2023	Repositório UFSC	Conhecer cuidados à saúde mental.	Desafios: carga de trabalho. Potencialidades: intervenção precoce, ações educativas.
Estratégias de prevenção do suicídio na adolescência: Uma revisão de literatura	De Vargas; Cousseau; Zappe, 2023	Revista SPAGESP	Identificar estratégias de prevenção.	Desafios: articulação. Potencialidades: fluxos, intersetorialidade.
Rreflexão a respeito da prevenção do suicídio em adolescentes por profissionais da saúde no Brasil e suas implicações na região amazônica: Revisão integrativa de literatura	De Almeida et al., 2023	Reunião Científica	Refletir sobre prevenção regional.	Desafios: escassez. Potencialidades: intersetorialidade, escuta, vínculo, Centro de Atenção Psicossocial
Perfil de tentativa e suicídio na adolescência e suas complexidades: uma revisão narrativa	Silva; Priotto, 2023	Revista Valore	Descrever perfil epidemiológico.	Desafios: identificação. Potencialidades: vigilância e multifatorialidade.
Enfermagem na Promoção da Saúde Mental de Adolescentes Escolares: Revisão Integrativa	Rebello, 2022	Revista Pró-Univer SUS	Identificar estratégias de promoção.	Desafios: estrutura. Potencialidades: educação em ações escolares.
Ideação suicida, tentativa de suicídio ou suicídio em adolescentes: revisão narrativa	Soster et al., 2021	RSD Journal	Caracterizar fatores de risco.	Desafios: fatores múltiplos como violência e desigualdades. Potencialidades: escuta qualificada.

Assistência de enfermagem na atenção primária à saúde de adolescentes com ideações suicidas	De Souza Pessoa, 2020	REME-Revista Mineira de Enfermagem	Compreender a assistência.	Desafios: falta de preparo, dificuldades de identificação. Potencialidades: vínculo.
Autolesão não suicida entre adolescentes: significados para profissionais da educação e da Atenção Básica à Saúde	Gabriel et al., 2020	Escola Anna Nery	Conhecer percepções.	Desafios: estigma, banalização e internet. Potencialidades: ações educativas.
Assistência multidisciplinar à saúde nos casos de ideação suicida infantojuvenil: limites operacionais e organizacionais	Sousa; Ferreira; Galvão, 2020	Rev Bras Enfermagem	Conhecer assistência.	Desafios: organização e limites estruturais. Potencialidades: protocolos.

Quadro 1: Resultados da Pesquisa

Fonte: Elaborado pelos Autores (2025)

lhador recebe demandas infinitas com instrumentos insuficientes, expondo o preço da insuficiência institucional sobre vidas em formação.

A Adolescência como Território de Vulnerabilidade Ampliada: O Fator Socioestrutural

Os estudos de Soster *et al.* (2021) e Silva e Priotto (2023) estabelecem que os fatores associados ao suicídio adolescente são intrinsecamente múltiplos e estruturais: violência doméstica, bullying, desigualdade de gênero, racismo, precarização socioeconômica e conflitos identitários.

Essa evidência corrobora a tese de que a ideação suicida não é um fenômeno intrapsíquico isolado, mas sim uma expressão patológica da tessitura da vida social que envolve o adolescente. Portanto, o cuidado deve ser compreendido como produção de sujeitos e de saúde (Campos, 2000), e não como mera resposta sintomática, do ponto

de vista epistemológico, a enfermagem precisa transcender a identificação de risco para abraçar a análise dos territórios, das redes e dos silêncios, exigindo a visita domiciliar estratégica e a articulação com a escola e outros equipamentos sociais, a clínica não pode ser separada do social.

Tecnologias Leves: O Potencial Ético-Político da Enfermagem

As potencialidades reais da Enfermagem residem nas tecnologias leves (Merhy, 1997), destacadas por Almeida *et al.* (2023), Rebello *et al.* (2022) e Lopes *et al.* (2024): vínculo, oficinas terapêuticas, acolhimento qualificado, fortalecimento familiar e escuta empática. A APS é o lócus privilegiado para o desenvolvimento contínuo dessas tecnologias, que são o centro da produção de saúde.

Contudo, é justamente o superdimensionamento dessas tecnologias em um contexto de escassez de recursos estruturais e humanos que gera a fragilidade do sistema.

A APS é o lugar onde o excesso de demanda e a pressão por metas fragilizam a sustentabilidade dessas práticas relacionais. Esse “descompasso” entre o ideal da integralidade e a realidade precarizada, como apontaria Minayo (1994) ao discutir a complexidade da saúde, alimenta a desassistência e o sofrimento ético-político do profissional.

A Intersetorialidade Fraturada: Falha da Gestão

A intersetorialidade é apontada como potencialidade essencial para a prevenção (De Vargas; Cousseau; Zappe, 2023; Almeida et al., 2023), entretanto, o cotidiano da APS revela uma intersetorialidade fraturada, que não se concretiza no território. A escola e a UBS comunicam-se de forma ineficaz, a articulação com o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é insuficiente, e a família é frequentemente negligenciada ou sobrecarregada.

Essa crítica é intensificada por Sousa, Ferreira e Galvão (2020), que demonstram que as equipes reconhecem o sofrimento, mas são barradas por limites operacionais e organizacionais, o problema não reside no indivíduo, mas na estrutura do Estado que falha em garantir os fluxos e protocolos de retaguarda, a intersetorialidade permanece como um princípio normativo sem sustentação material.

Estratégias que Funcionam: O Imperativo do Encontro

A literatura contemporânea em saúde mental e APS evidencia que os dispositivos relacionais: rodas de conversa, acolhimento qualificado, safety planning e práticas socioemocionais, constituem estratégias centrais na prevenção do suicídio em adolescentes.

Esses recursos, amplamente descritos em estudos, operam na lógica da Clínica Ampliada e da Clínica do Encontro, deslocando o cuidado de um enfoque estritamente biomédico para uma perspectiva centrada no sujeito, na produção de vínculo e na construção compartilhada de projetos terapêuticos. As rodas de conversa e oficinas, fundamentadas nas tecnologias leves do cuidado, configuram espaços coletivos de expressão, pertencimento e elaboração subjetiva, favorecendo a circulação da palavra e a desnaturalização do sofrimento (De Vargas; Cousseau; Zappe, 2023).

O acolhimento qualificado, assume um papel estruturante na porta de entrada da APS ao reconhecer que a escuta sensível, culturalmente situada e não moralizante constitui um dispositivo ético-político capaz de romper com o ciclo de invisibilidade que frequentemente marca o sofrimento psíquico adolescente (Lopes *et al.*, 2024; De Souza Pessoa *et al.*, 2020; Guimarães, 2025).

Em intervenções mais estruturadas, como o Safety Planning Intervention, uma intervenção breve e estruturada para a prevenção do suicídio, que envolve a criação colaborativa de um plano de segurança personalizado para ser usado durante uma crise suicida, apresenta evidências consistentes, demonstrando em revisões sistemáticas sua capacidade de reduzir ideação e tentativas de suicídio ao orientar, de maneira colaborativa, estratégias internas e externas de enfrentamento durante crises agudas (Abbott-Smith *et al.*, 2023). Intervenções voltadas ao fortalecimento das habilidades socioemocionais, tais como regulação emocional, empatia, tomada de perspectiva e resolução de problemas emergem como importantes mediadoras da resiliência e da proteção psicossocial, com impacto comprovado na

redução de comportamentos autolesivos (Avanci *et al.*, 2024).

Em conjunto, essas práticas evidenciam que a prevenção do suicídio se sustenta em protocolos, na identificação de sinais clínicos, e na construção de relações terapêuticas contínuas e no cuidado singularizado, que exige implicação subjetiva, disponibilidade afetiva e corresponsabilidade. Para a Enfermagem, esse conjunto de estratégias reafirma a centralidade de seu papel na APS como profissão que articula o técnico ao relacional, manejando complexidades emocionais e sociais que não podem ser automatizadas. Trata-se de um fazer clínico que simultaneamente potencializa a autonomia e o protagonismo do adolescente, ao mesmo tempo em que demanda do trabalhador processos permanentes de formação, supervisão e cuidado de si, dada a carga emocional inerente ao acompanhamento do sofrimento psíquico juvenil.

A Invisibilidade do Sofrimento Masculino e as Disparidades Regionais

O estudo de Da Silva, Corrêa e Farias (2025) evidencia que os adolescentes do sexo masculino permanecem sub-reconhecidos nas estratégias de prevenção, apesar de apresentarem as maiores taxas de óbito por suicídio no Brasil. A pesquisa demonstra que os meninos manifestam sinais de sofrimento de modo menos verbalizado e mais associado a comportamentos externalizantes: irritabilidade, agressividade, impulsividade, que muitas vezes não são identificados como risco pelos profissionais da APS, reforçando o apagamento simbólico das vulnerabilidades masculinas. Esse achado complementa a discussão sobre a banalização do sofrimento e amplia o problema: há uma cegueira de

gênero no cuidado, que impede a identificação precoce de risco entre meninos, especialmente quando não expressam tristeza ou verbalizam intenção suicida.

Já o estudo de De Almeida *et al.* (2023) revela uma realidade ainda mais preocupante quando o cenário analisado envolve territórios da Região Amazônica, os autores apontam uma grave escassez de pesquisas, de serviços especializados e de estratégias de prevenção implementadas pelos profissionais de saúde nesses estados. Mesmo reconhecendo a importância de ações como escuta terapêutica, visitas domiciliares, fortalecimento do vínculo, articulação com escolas e encaminhamentos ao CAPS, as equipes da APS enfrentam barreiras estruturais intensificadas pelo contexto amazônico: distâncias geográficas extremas, baixa cobertura de serviços psicossociais, fragilidade intersetorial e dificuldades de formação continuada. A análise reforça que a desigualdade territorial também é determinante do risco de suicídio, evidenciando que adolescentes amazônidas estão expostos a vulnerabilidades adicionais que ultrapassam o escopo exclusivamente clínico.

Em conjunto, esses dois estudos ampliam o entendimento de que a prevenção do suicídio exige uma leitura interseccional, que considere gênero, território, cultura e desigualdades regionais. A APS e a Enfermagem, portanto, precisam avançar para práticas sensíveis às múltiplas formas de expressão do sofrimento e às desigualdades estruturais que moldam o acesso ao cuidado.

O Cuidado como Ato Político

O suicídio adolescente expõe não apenas a vulnerabilidade dos jovens, mas a fragilidade estrutural da APS, os profissionais

tentam cuidar com o que têm, mas o que têm é frequentemente insuficiente para um problema de tal complexidade ético-política (Diniz, 2007). Este estudo reforça a necessidade de que a Enfermagem defenda a vida em sua forma mais delicada, exigindo: coragem, presença, tempo e, sobretudo, estrutura. O cuidado na saúde mental adolescente exige um SUS que reconheça o valor da clínica do encontro como uma prática ética e política, e não apenas como um procedimento a ser cumprido em um tempo exíguo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão integrativa permitiu identificar que a atuação da Enfermagem na prevenção do suicídio em adolescentes na APS envolve um campo complexo, atravessado por desafios estruturais, operacionais e formativos, ao mesmo tempo em que revela importantes potencialidades do trabalho desenvolvido pelos profissionais. Os estudos analisados evidenciam que o sofrimento psíquico adolescente é multifatorial, marcado por violências, desigualdades, vulnerabilidade social e barreiras subjetivas que dificultam a verbalização direta da dor. Na APS, a Enfermagem desempenha papel fundamental na identificação precoce, acolhimento e acompanhamento contínuo desses jovens.

Os desafios estruturais mais evidentes incluem a fragilidade da RAPS, dificuldades de acesso ao CAPS, insuficiência de equipes, rotatividade de profissionais, condições físicas precárias das unidades e baixa articulação intersetorial. No plano operacional, destacam-se a dificuldade de identificar sinais iniciais de risco, a banalização do sofrimento adolescente, a ausência de protocolos padronizados, a descontinuidade do cuidado e o

excesso de demandas que limita o tempo para o atendimento em saúde mental. Do ponto de vista formativo, a literatura aponta a falta de capacitação em saúde mental e suicidologia, insegurança no manejo de crises, ausência de supervisão clínica e fragilidade das estratégias de educação permanente.

Apesar desses entraves, os estudos revelam importantes potencialidades da prática de Enfermagem na APS. Entre elas, destaca-se o uso de tecnologias leves: vínculo, escuta qualificada, acolhimento e construção de confiança, que configuram estratégias essenciais para o cuidado em saúde mental de adolescentes. O enfermeiro demonstra sensibilidade para perceber sinais sutis, realizar intervenções educativas, articular-se com famílias, escolas e serviços do território, além de coordenar o cuidado e acompanhar os usuários longitudinalmente. Práticas como rodas de conversa, visitas domiciliares, ações intersetoriais e o uso de instrumentos como o safety planning reforçam a capacidade da Enfermagem de promover espaços de expressão, pertencimento e proteção emocional.

Assim, conclui-se que a prevenção do suicídio em adolescentes exige condições institucionais que permitam à enfermagem exercer plenamente seu papel: equipes completas, fluxos estruturados, retaguarda da RAPS, formação continuada e suporte para o manejo de situações complexas. Ao mesmo tempo, reconhecemos e devemos fortalecer as potencialidades já existentes na prática cotidiana, principalmente aquelas baseadas em tecnologias leves, territorialidade e relações de cuidado. Recomenda-se que pesquisas futuras aprofundem estratégias inovadoras de prevenção, modelos exitosos de articulação intersetorial e práticas que apoiem a saúde mental dos próprios profissionais.

REFERÊNCIAS

ABBOTT-SMITH, Susan *et al.* **Prevenção do suicídio: O que as evidências mostram sobre a eficácia do planejamento de segurança para crianças e jovens?** – Uma revisão sistemática de escopo. *Journal of psychiatric and mental health nursing*, v. 30, n. 5, p. 899-910, 2023. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jpm.12928> Acesso em: 01 Out 2025

ALMEIDA, Maysa Alves de Sousa *et al.* **Cuidados de Enfermagem e desafios à saúde mental de adolescentes na Atenção Primária à Saúde: Revisão integrativa.** 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/245525> Acesso em: 15 Nov 2025

AVANCI, Joviana Quintes *et al.* **Revisão de escopo sobre habilidades socioemocionais na prevenção do comportamento suicida em adolescentes.** *Cadernos de Saúde Pública*, v. 40, p. e00002524, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/4g6hpDDjcS7RPYHdBsd7qXw/?lang=pt> Acesso: 12 Out 2025

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Indicadores de Mortalidade: Violências e Acidentes** – Brasília: Ministério da Saúde, 2024 Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/acidentes-e-violencia> Acesso em: 17 nov. 2025.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. **Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 5, p. 219-230, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2000.v5n2/219-230/pt> Acesso em: 21 Set 2025

DA SILVA, Thayse Alves; CORRÊA, Marcelo Tiago Balthazar; DOS SANTOS FARIAS, Edson. **IDEAÇÃO SUICIDA EM ADOLESCENTES MASCULINOS: Revisão integrativa.** *Psicologia e Saúde em debate*, v. 11, n. 1, p. 1088-1101, 2025. Disponível em: <http://www.psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/1314> Acesso em: 02 Nov 2025

DE ALMEIDA, Daniele Pontes *et al.* **REFLEXÃO A RESPEITO DA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO EM ADOLESCENTES POR PROFISSIONAIS DA SAÚDE NO BRASIL E SUAS IMPLICAÇÕES NA REGIÃO AMAZÔNICA: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA.** *Reunião Científica*, n. XV, 2023. Disponível em: <https://periodicos.saolucas.edu.br/reuniao/article/download/2598/1850> Acesso em: 02 Nov 2025

DE CARVALHO QUEIROZ, Valéria Debortoli. **Saúde Mental e Atenção Primária em Saúde: Uma Interface Necessária.** Editora Appris, 2021.

DE SOUZA PESSOA, Denise Mayara *et al.* **Assistência de enfermagem na atenção primária à saúde de adolescentes com ideações suicidas.** *REME-Revista Mineira de Enfermagem*, v. 24, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rem/article/view/49964> Acesso em: 21 Set 2025

DE VARGAS, Lenon Goulart; COUSSEAU, Bruna Fragoso; ZAPPE, Jana Gonçalves. **Estratégias de prevenção do suicídio na adolescência: Uma revisão de literatura.** *Revista da SPAGESP*, v. 24, n. 1, p. 144-154, 2023. Disponível em: <https://nesme.emnuvens.com.br/SPAGESP/article/view/48> Acesso em: 02 Nov 2025

DINIZ, Debora. **O que é deficiência.** 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DONNANGELO, M. C. F. **Saúde e Sociedade**. In: DONNANGELO, M. C. F.; PEREIRA, L. **Saúde e Sociedade**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.

GABRIEL, Isabela Martins *et al.* **Autolesão não suicida entre adolescentes: significados para profissionais da educação e da Atenção Básica à Saúde**. Escola Anna Nery, v. 24, p. e20200050, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/QyNHwtKW6hx3Xq-9gTKgYKnh/?lang=pt&format=html> Acesso em: 15 Nov 2025

GUIMARÃES, Jamile. **“Minha cabeça tá barulhenta!”: sofrimento e saúde mental entre adolescentes e jovens de comunidades periféricas**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 35, p. e350137, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/physis/2025.v35n1/e350137/pt/> Acesso em: 01 Out 2025

INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA (ICICT/Fiocruz). **Saúde Brasil 2014: uma análise da situação de saúde e das causas externas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2014_analise_situacao.pdf Acesso em: 17 nov. 2025.

LOPES, Daniela Gonsalves *et al.* **Recomendações para o cuidado de enfermagem à autolesão entre adolescentes e jovens: revisão sistemática**. Rev Rene, v. 25, p. 376, 2024. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=10097073> Acesso em: 02 Nov 2025

MERHY, Emerson Elias *et al.* **Trabalho em saúde**. Material produzido para a EPJV/FIOCRUZ, 2005.

MERHY, Emerson Elias. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo**. 3 ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 2002.

MERHY, Emerson Elias. **Em busca do tempo perdido: a micropolítica do trabalho vivo em saúde**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de S. **Violência social sob a perspectiva da saúde pública**. Cadernos de saúde pública, v. 10, p. S7-S18, 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/dgQ85GcNMfTCPByHzZTK6CM/?lang=pt> Acesso em: 01 Out 2025

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Suicídio: dados e estratégias de prevenção nas Américas**. Washington, DC: OPAS, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/documents/topicos/suicidio> Acesso em: 17 nov. 2025.

REBELLO, Marcelle Ignacio *et al.* **Enfermagem na Promoção da Saúde Mental de Adolescentes Escolares: Revisão Integrativa**. Revista Pró-UniverSUS, v. 13, n. Especial, p. 63-70, 2022. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/3401> Acesso em: 02 Nov 2025

SILVA, José Vytor Mognon; PRIOTTO, Elis Maria Teixeira Palma. **Perfil de tentativa e suicídio na adolescência e suas complexidades: uma revisão narrativa**. Revista Valore, v. 8, 2023. Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/736> Acesso em: 02 Nov 2025

SOSTER, Francieli Franco *et al.* **Ideação suicida, tentativa de suicídio ou suicídio em adolescentes: revisão narrativa**. Research, Society and Development, v. 10, n. 2, p. e54410212730-e54410212730, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12730> Acesso em: 02 Nov 2025

SOUSA, Karina Alcântara de; FERREIRA, Maria Goreth Silva; GALVÃO, Edna Ferreira Coelho. **Assistência multidisciplinar à saúde nos casos de ideação suicida infantojuvenil: limites operacionais e organizacionais.** Revista Brasileira de Enfermagem, v. 73, p. e20190459, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Rfp9TFptFMjMmyNyJJp64Gz/?lang=pt> Acesso em: 02 Nov 2025

UNITED NATIONS CHILDREN'S FUND (UNICEF). **O Estado Mundial da Infância 2021: Na minha mente – promover, proteger e cuidar da saúde mental das crianças.** Nova Iorque: UNICEF, 2021. Disponível em: <https://translate.google.com/translate?u=https://www.unicef.org/reports/state-worlds-children-2021&hl=pt&sl=en&tl=pt&client=sge> Acesso em: 17 nov. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Suicide worldwide in 2023: global health estimates.** Geneva: WHO, 2023. Disponível em: [https://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=n-CZgEQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP6&dq=WORLD+HEALTH+ORGANIZATION+\(WHO\).+Suicide+worldwide+in+2023:+global+health+estimates.+Geneva:+WHO,+2023&ots=T-q6swAbbrw&sig=eFwi8u93BS1fAHUE1lqW0R-g_3lM](https://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=n-CZgEQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP6&dq=WORLD+HEALTH+ORGANIZATION+(WHO).+Suicide+worldwide+in+2023:+global+health+estimates.+Geneva:+WHO,+2023&ots=T-q6swAbbrw&sig=eFwi8u93BS1fAHUE1lqW0R-g_3lM) Acesso em: 02 Nov 2025